

## *Variação linguística em Porto*

*Celeste Rodrigues*

*FLUL e CLUL*

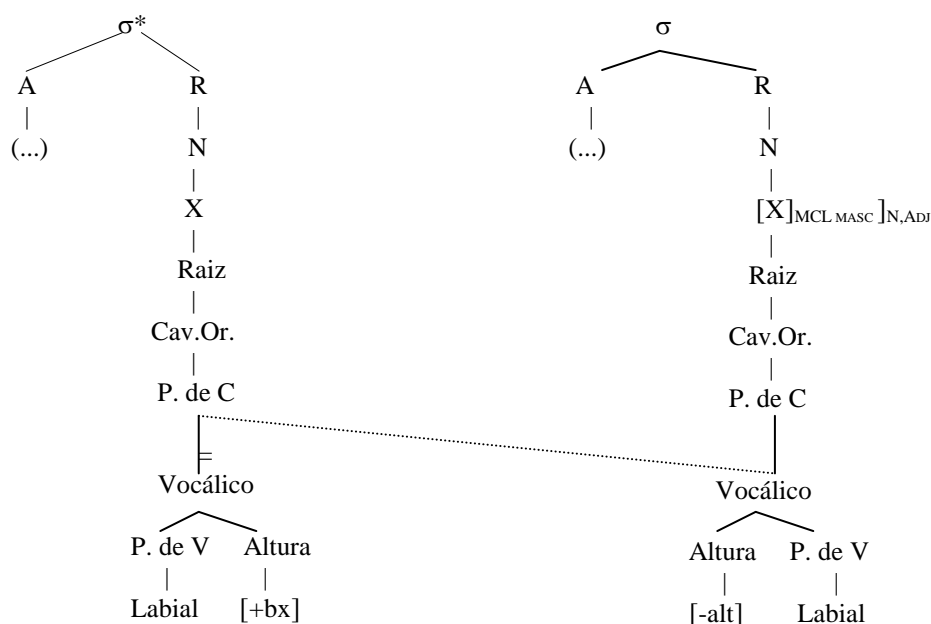
Esperando que o título deste artigo não seja tomado como um erro, mas como uma restrição de abrangência dos factos analisados, não é da variação linguística do Porto, como o todo, de que se falará, mas apenas de uma aspecto dessa variação, que constitui um emblema da cidade e da variedade linguística regional que o Porto ajudou a construir. Em compensação, será discutido também um caso de variação fonológica, registado em dialectos insulares do português, que pode ser sujeito a uma interpretação similar e que levanta algumas questões interessantes no que se refere à especificação das consoantes palatais em português, para além das que dizem respeito à existência de articulações secundárias.

No ano em que o Porto é Capital Europeia da Cultura, e em que já se comemoram os 25 anos do CLUP, parece-nos apropriado falar de uma particularidade da língua falada na cidade que ilustra, no nosso entender, as duas características principais da cultura da cidade: as suas fundas raízes e a sua modernidade. Reconhecendo a importância da integração da investigação num Centro de Linguística – porque aprendemos a valorizar os estudos de variação no CLUL –, tomamos a língua falada como centro da investigação linguística, por ser o meio onde se cruzam, sincronicamente, reflexos linguísticos do passado e traços inovadores.

O primeiro caso que tratamos neste artigo, o da variação linguística das palavras como “Porto” na região do Porto, evidencia isto mesmo. Ele sugere-nos uma viagem, no tempo e no pensamento, que parece ser característica desta cidade, mesmo aos olhos de um forasteiro. Tomando a palavra “Porto” como exemplo, a história pode começar no sentido da palavra: *porto, ponto de passagem, um tipo de porta*. Logo aqui se vê que a viagem tem origem no /ɔ/ do “porto”, passa pela harmonização em Altura com a vogal final /o/ e continua, por pontos por enquanto mal identificados, de tal modo que chega, sincronicamente, a três destinos: [ˈportu], [ˈp<sup>w</sup>ortu] e [ˈp<sup>w</sup>ɐrtu]. Começamos pelo primeiro ponto de chegada, [ˈportu], que é o da maioria dos falantes de português (e, quem sabe, talvez também da maioria dos falantes do Porto), porque ele parece constituir o ponto de partida do caminho que leva aos outros dois.

A primeira questão a explorar é a da identificação fonológica da vogal da sílaba acentuada. À semelhança do que acontece nas palavras *guloso*, *novo* ou *olho*, na palavra *porto*, a vogal é baixa, /ɔ/, e sofre um processo de harmonização identificado por ANDRADE, 1992, 53. Poderíamos reformular, em termos autosegmentais, esse processo como espraçamento do Nó Vocálico da vogal labial final [-bx, -alt], na vogal labial e baixa precedente, que é a última vogal do radical deste tipo de palavras, como em (1)<sup>1</sup>.

(1)



A especificação da vogal como [-alt, -bx] é o facto normal no Português: todas as variedades da língua possuem a pronúncia [ˈportu]. Porém, na região que engloba as cidades do Porto, de Guimarães e de Braga (para falar apenas nas mais antigas), coexistem outras duas, pelo menos, [ˈp<sup>w</sup>ortu] e [ˈp<sup>w</sup>ɛrtu], variantes atestadas nos inquéritos do ALEPG e em estudos de meios urbanos como RODRIGUES, 2001.

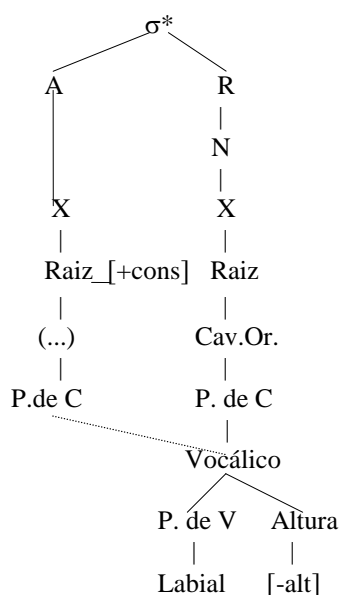
Se o processo de harmonização em Altura da vogal, acima referido, é um processo lexical, que é condicionado morfológica e lexicalmente, os processos complementares que legitimam as realizações [ˈwɔ] e [ˈwɛ] são de outra natureza (i. é. são pós-lexicais). De facto, RODRIGUES, 2001 e 2002 pôde demonstrar que, em Braga, tanto os /ɔ/s transformados em [o]s pela harmonização como os /o/s de *hoje*, *conde*, etc. poderiam ser abrangidos pelo processo de espraçamento do Nó Vocálico da vogal Labial no Ataque precedente, ou labialização. Na verdade, em Braga, entre

<sup>1</sup> Usamos o asterisco para assinalar a sílaba acentuada, nestas regras.

falantes alfabetizados, a única variante não standard atestada em RODRIGUES, 2001 foi [ʷo]. [ʷɐ], no entanto, constitui um indicador linguístico da variedade linguística do litoral norte, acima indicada, e, mais propriamente, da variedade linguística urbana do Porto.

Segundo RODRIGUES, 2001, 281, a labialização da consoante que precede um /o/ ou /ɔ/ de palavras como *porto*, já sujeito a harmonização, pode ser descrita pelo processo em (2).

(2)



Assim, na labialização, estamos perante o espraçamento do Nó Vocálico da vogal tónica à esquerda, tal como pode acontecer se a vogal for não-recuada: cf. *vê* [ʷβ̃e], *escrever* [ʷkriʷβ̃er], *bater* [bɐʷt̃er]. Casos desses são referidos na bibliografia sobre a mesma região, desde VASCONCELOS, 1901<sup>2</sup>. Apesar de os processos terem sido sempre referidos, até RODRIGUES, 2001, como ditongação crescente (cf. VASCONCELOS, 1901, CINTRA, 1983, BOLÉO e SANTOS SILVA, 1959, MARTINS e VITORINO, 1989, SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999), trata-se nestes dois casos, no nosso entender, de uma palatalização e de uma labialização da consoante precedente, ou seja do desenvolvimento de uma articulação secundária de tipo [i], ou de tipo [u]. O facto de dizermos que é o Nó Vocálico, e não o P. de V, a ser espraçado nos casos de labialização e palatalização, merece alguma reflexão, uma vez que a vogal não é alta e a articulação secundária da consoante é sempre alta. Se o valor

de Altura da vogal do núcleo não é assimilado (e ele estava especificado no segmento do núcleo, visto que era oposto ao valor por defeito), o Nó Vocálico não é assimilado como um todo, mas só o P. de V, enfraquecendo, de alguma maneira, a ideia de ser o Nó Vocálico a esparair-se. No entanto, o Nó Vocálico é o que reúne as propriedades vocálicas na hierarquia de traços e a sua concepção é fundamentada em muitos factos, inclusive no de se espriar como um todo, nos casos adiante discutidos dos Açores. Como a principal diferença entre segmentos consonânticos simples e segmentos com articulação secundária reside a in/existência de propriedades vocálicas, e estas estão agrupadas num Nó Vocálico, pensamos que a formulação do processo pode ser a que se apresenta acima, embora o assunto possa ser aprofundado. As articulações secundárias possuem um grau de fechamento, que é sempre [+alt] em português, independentemente definido em relação ao P. de V, pelo que pode ser definido pela regra de defeito, que provê o Nó Vocálico da consoante com o valor igual ao do segmento assimétrico, [+alt] (MATEUS, 1997, MATEUS e ANDRADE, 2000). A interpretação dos factos aqui sugerida não postula a criação de ditongos crescentes nestes casos, nem a alteração do peso da sílaba.

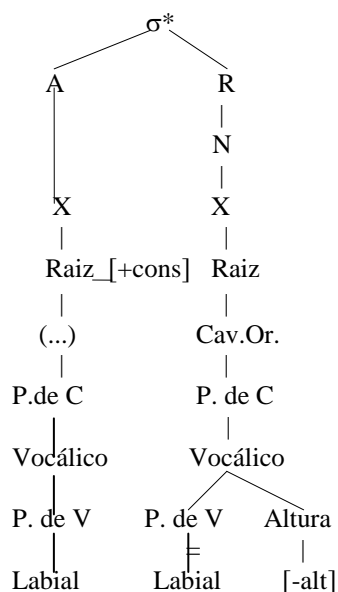
Na sequência da aplicação do processo de labialização em (2), que transformações ulteriores poderíamos esperar encontrar? No mínimo, alteração da vogal acentuada que desencadeou o espraimento. É isso mesmo que acontece em [ˈp<sup>w</sup>ertu]. A vogal deixa de ser Labial, o que quer dizer que a articulação Labial, sendo absorvida pela consoante, em obediência a PCO<sup>3</sup> (que determina a demarcação clara entre segmentos adjacentes), deve deixar de estar presente na vogal seguinte. O processo pode ser formalizado como se sugere em (3).

---

<sup>2</sup> A este respeito, convém dizer que RODRIGUES, 2001 já não encontrou senão meros vestígios da palatalização, nos dados de falantes alfabetizados de Braga, apesar de a palatalização ser referida nos estudos dialectológicos das áreas rurais das cidades minhotas.

<sup>3</sup> Princípio de Contorno Obrigatório.

(3)



Estamos, por consequência, perante uma cadeia de processos que altera, significativamente, os segmentos da sílaba acentuada. Os processos alteram a especificação de base da vogal do núcleo, a especificação da consoante do ataque (ou preenchem o ataque com [w] ou [j], se ele for vazio), mas não alteram a composição da sílaba, uma vez que esta continua a ter uma estrutura com o mesmo número de segmentos no ataque e na rima.

Conclui-se, deste modo, que em português se encontram formas com /ɔ/, lexicalmente marcadas, para sofrer a harmonização por influência da vogal final: cf. *gul[o]so* vs. *f[ɔ]co* e *bl[ɔ]co*. Nessas formas, o processo que as afecta tem restrições morfológicas evidentes. Este só se aplica às últimas vogais dos radicais de nomes e de adjectivos, lexicalmente marcados, que contenham a seguir o marcador de classe /o/, em posição final de palavra: cf. *gul[o]so* vs. *gul[ɔ]sos*, *gul[ɔ]sas*.

Depois de a vogal ter sido especificada como [o], nessas palavras em que ela é acentuada (como em todos os /o/s que desencadeiam o espraçamento), dá-se, nesta variedade regional da língua, o espraçamento do Nó Vocálico à posição esquelética à sua esquerda. Ou seja, cria-se uma articulação secundária na consoante (se esta existir), articulação cuja especificação está dependente do P. de V da vogal tónica. Se o ataque não estiver preenchido, o espraçamento dá-se de igual modo, provendo a especificação para o de P. de V da posição de ataque à sua esquerda. Como esta não possuía

especificação para o P. de C, ou seja para a articulação primária, a articulação vocálica espraçada torna-se, por ser a única existente, articulação primária (*onde* [´wõdi]).

Analisemos agora alguns dados apresentados por MARTINS e VITORINO, 1989 e discutidos em SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999. Trata-se de dados, registados por exemplo nos dialectos insulares, que nos parecem relacionados com o espraçamento do Nó Vocálico das vogais altas pretónicas. Os dados descritos nestes dois trabalhos fazem parte dos inquéritos do ALEPG (*Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*, recolhido pelo Grupo de Estudos de Dialectologia do CLUL), *corpus* valiosíssimo, de que apenas comentamos um pequeno aspecto. Discutimos somente os dados dos Açores – Ilha Terceira, embora os da Madeira sejam parcialmente idênticos, e fenómenos semelhantes também se registem no continente.

SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999, 719 referem um processo de “ditongação crescente” em sílaba tónica, com um condicionamento diferente do que antes descrevemos nos dialectos insulares. Trata-se do que os autores chamam “harmonização vocálica”, motivada pelo “timbre da vogal pretónica”, conducente a uma “modificação da vogal tónica” (cf. p. 710). Trataremos a questão de outro modo, como veremos, pois parece tratar-se de mais um espraçamento do Nó Vocálico, neste caso o das vogais altas pretónicas. Vejamos alguns exemplos no quadro que se segue.<sup>4</sup>

(1) <i>buscar</i>	[buʃ´kwar]	(15) <i>cidade</i>	[si´ðjaði]
(2) <i>o gado</i>	[u´ɣwaðu]	(16) <i>respigar</i>	[Riʃpi´ɣjar]
(3) <i>o pau</i>	[u´pwaw]	(17) <i>ceifar</i>	[sej´fjar]
(4) <i>estão fartas</i>	[´tẽw´fwartɐʃ]	(18) <i>inverno</i>	[ĩ´vj ɛnu]
(5) <i>comer</i>	[ku´mwer]	(19) <i>em sacas</i>	[ĩ´sjakɐʃ]
(6) <i>o medo</i>	[u´mweðu]	(20) <i>tem poços</i>	[´tẽj´pjɔsuʃ]
(7) <i>novembro</i>	[nu´vwẽbru]	(21) <i>teimoso</i>	[tej´mjɔzu]
(8) <i>os figos</i>	[uʃ´fwixuʃ]	(22) <i>oitenta</i>	[oj´tjẽtɐ]
(9) <i>do sol</i>	[du´swɔł]	(23) <i>embora</i>	[ĩ´bj ɔɐ]
(10) <i>forquilha</i>	[fur´kwiλɐ]	(24) <i>enfusa</i>	[ĩ´fjuzɐ]
(11) <i>no outro</i>	[nu´ <sup>w</sup> owtru]	(25) <i>e ferve</i>	[i´fjervi]
(12) <i>nas casas</i>	[nɐʃ´kazɐʃ]	(26) <i>três pés</i>	[´treʃ´pɐʃ]
(13) <i>por casa</i>	[pur´kwazɐ]	(27) <i>em casa</i>	[ĩ´kjazɐ]
(14) <i>os pés</i>	[uʃ´pweʃ]	(28) <i>em pé</i>	[ĩ´pjɛ]

<sup>4</sup> Neste quadro, adoptamos a transcrição dos autores, com uma diferença: marcamos a sílaba tónica antes do seu início.

É certamente uma assimilação progressiva, visto que as propriedades espraçadas dependem do Nó Vocálico do segmento [-consonântico] precedente. O processo pode aplicar-se no interior de uma palavra e, também, envolvendo segmentos de palavras diferentes, conforme os exemplos acima indicam. Por essa razão, e também por num dos casos o processo implicar o espraçamento de um valor de traço definido por defeito (menos recuado), consideramo-lo pós-lexical.

Os exemplos mostram que basta que exista uma vogal [+alta] (ou semivogal, resultante de uma semivocalização) na sílaba pretónica, para que a modificação se dê. Crucialmente, os exemplos (12) e (26), com vogal pretónica baixa, não apresentam alteração da estrutura, ao contrário dos exemplos (13) e (27) e, também dos (14) e (28). De modo a reunir os casos de palatalização com os de labialização, podemos dizer que é o Nó Vocálico (como um todo).

Um problema que se coloca em relação a estes casos é o da silabificação do que é espraçado. Deverá haver silabificação no núcleo, como tradicionalmente se tem dito, ou deverá haver silabificação no ataque da sílaba tónica, à semelhança do que foi proposto, em RODRIGUES 2001, no caso da labialização em Braga e no Porto? Na tentativa de responder a esta questão, trazemos à colação o exemplo nº (11) do quadro anterior e o facto, referido por SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999 de o processo de inserção da semivogal ser bloqueado, no dialecto em causa, pela presença de uma consoante palatal no ataque da sílaba tónica (*debulhar* [dĩβu´λjar], e não \*[dĩβu´λwar]).

Parece-nos que em (11) (*no outro*, [nu´wowtru]<sup>5</sup>), a silabificação do segmento inserido que está mais de acordo com a estrutura silábica do português é a que o coloca no ataque da sílaba tónica, que se encontrava vazio. Essa silabificação é preferível, na nossa opinião, face às duas outras: a primeira, no núcleo final da primeira palavra, porque dois segmentos altos iguais seriam silabificados na mesma posição métrica, em clara violação do PCO; a segunda, no núcleo da sílaba tónica que já possuía duas posições, porque três segmentos teriam de fazer parte do mesmo núcleo, caso que não está claramente demonstrado existir fonologicamente em português, ainda para mais, num caso onde o ataque estava disponível para receber o segmento inserido.

---

<sup>5</sup> Esta transcrição coloca a semivogal na linha, ao contrário da que foi adoptada em SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999 (e que foi a seguida no quadro), porque [nu´wowtru] representa melhor a nossa interpretação da silabificação do segmento inserido.

Relativamente ao bloqueio do processo de inserção pós-lexical de [j] e [w], provocado pelos segmentos palatais ([ɲ],[λ],[ʃ] e, presumivelmente, também [ʒ]), oferece-se-nos dizer o seguinte. Os autores referem que, por exemplo, em *debulhar* e *no chão*, as produções [dĩβu´λjar] e [nu´ʃjẽw] mostram que a “harmonização” não se dá, porque é bloqueada pela aplicação de um processo de inserção da semivogal não recuada, que se aplica após consoante palatal, também exemplificada em: *castanheiro* [kæʃtẽ´ɲjejrũ], *chave* [´ʃjavi], *espalhar* [ʃpẽ´λjar] (formas que possuem igualmente um ditongo crescente, na opinião dos autores). A semivogal ouvida não poderá ser apenas a palatalidade da consoante?<sup>6</sup> Se assim fosse, e se entendermos, com a ajuda da geometria de traços e da teoria de subespecificação que usamos, que a especificação das consoantes palatais referidas se faz, na base, mediante a especificação do P. de C, Coronal [-anterior], ou seja sem referência ao traço alto (que não está normalmente activo na especificação das consoantes simples), poderíamos dizer, que estes segmentos também poderiam conter articulações vocálicas, nomeadamente palatalização (desenvolvimento de uma articulação com o valor positivo do traço alto), ao contrário do que é costume. Assim, neste dialecto, o [j] destes exemplos seria somente o reflexo da articulação complementar dos segmentos ditos “palatais”, que nos outros dialectos são especificados sem Nó Vocálico, e portanto sem o traço [alto]. Desta maneira, a especificação das consoantes palatais poderia diferir, de dialecto para dialecto, com/sem Nó Vocálico e Altura especificada como [+alto].<sup>7</sup>

A vantagem da descrição dos dados desta forma é a seguinte: a aplicação da regra de inserção de semivogal pós-lexical poderia ser entendida como geral. O facto de ela não se dar em [dĩβu´λjar] e [nu´ʃjẽw] dever-se-ia à impossibilidade geral de cruzamento de linhas de associação, num mesmo plano e nível de representação segmental. Com efeito, o traço alto da vogal que motiva o surgimento de [j]/ [w] não pode espriar-se para a vogal seguinte, se o segmento intermédio possuir a especificação para esse traço. As linhas cruzar-se-iam. Em suma, pensamos que, no

---

<sup>6</sup> Por outro lado, não poderia haver [l<sup>j</sup>] ou [n<sup>j</sup>] em vez de [λj] e [ɲj] ou de [λ<sup>j</sup>] e [ɲ<sup>j</sup>]?

<sup>7</sup> A este respeito convém dizer que a especificação das consoantes palatais em português tem sido discutida por diversos autores além de MATEUS e ANDRADE, 2000, alguns dos quais referem a necessidade, de uma maneira ou de outra, de conceber a especificação do traço alto nestas consoantes. Veja-se, por exemplo, HERNANDORENA, 1999 e FREITAS, 2001.

dialecto em questão, as consoantes [-anteriores] (alveolo-palatais e palatais) têm uma articulação vocálica alta<sup>8</sup> e, por isso, em [diβuˈλjar] e [nuˈʃjẽw], também não existem ditongos crescentes, nem tritongos.

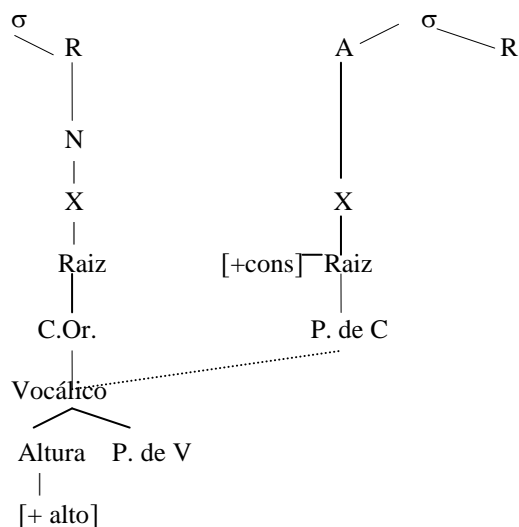
Analisemos, de novo, a silabificação dos casos resultantes da inserção de [w]/[j], agora entendido como geral. Se [nuˈwowtru] tiver a semivogal inserida silabificada no ataque, como propusemos, não há razão para que nos casos restantes a mesma silabificação não se dê. A semivogal pode constituir uma articulação secundária da consoante do ataque. Como o que é espreado neste processo é o Nó Vocálico, se o segmento consonântico para o qual se espraia já tiver especificação para [alto], já nada lhe poderá acontecer, como comprovam os casos de *debulhar* e *no chão*. A silabificação no ataque permite-nos manter, também neste caso, que não existem ditongos crescentes, até prova em contrário. Esta variedade dialectal açoreana dá-nos ainda outra evidência disto mesmo. Quando a associação do Nó Vocálico da vogal pretónica se dá antes de um /i/: *comida* [kuˈmˠiðɐ], *buzina* [buˈzˠinɐ], estas pronúncias, segundo SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999, tendem a ser alteradas para [kuˈmujðɐ], [buˈzujnɐ], mostrando que o primeiro elemento de um ditongo tem de ser uma vogal plena. O mesmo fenómeno foi atestado na Madeira tal como referido por SEGURA da CRUZ e SARAMAGO 1999, p 718.

Segue-se a nossa proposta de formulação das articulações secundárias, palatalização e labialização, presentes nos exemplos referidos acima.

---

<sup>8</sup> Colocamos “articulação vocálica alta”, porque nos parece que, neste caso, o que se passa é a especificação concreta da articulação, dentro da área articulatória (através do valor negativo de [anterior], a única coisa que é referida é a área articulatória). No caso da articulação secundária “labialização” (por exemplo), o que se passa é a junção de uma articulação nova a uma outra já existente.

(4) Palatalização e labialização<sup>9</sup> do ataque da sílaba tónica, nos dialectos insulares



A aplicação deste processo assimilatório pode acarretar processos complementares de espraçamento que, por razões de espaço, não é possível explicar aqui, totalmente<sup>10</sup>. De facto, as vogais acentuadas que seguem as consoantes com articulação secundária, assim obtida, podem vir a assimilar as propriedades desse Nó Vocálico da consoante, das quais podem vir a resultar alguns processos de fusão, como os dos seguintes exemplos: *cidade* [si'ð'äðĩ]~[si'ðeðĩ], *comer* [ki'm<sup>w</sup>er]~[ki'mær]. Além disso, os exemplos fornecidos por MARTINS e VITORINO, 1989 e SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999 também mostram que o espraçamento do Nó Vocálico pretónico é preservado, mesmo que a vogal que o motivou venha a desaparecer: *qualidade* [kɔ'ɫ'd'äðĩ], *vindimar* [vĩd'm<sup>j</sup>ar], *comer* [k'm<sup>w</sup>er]<sup>11</sup>.

Concluimos, assim, que o processo referido em (4) tem, afinal, algumas semelhanças fonológicas com o registado em Braga e no Porto, (2). Trata-se de uma assimilação que envolve o Nó Vocálico de uma dada vogal, produz uma articulação secundária - em detrimento de um ditongo crescente, desencadeando-se embora em sentido inverso. Nos Açores, verifica-se um espraçamento para a direita e, em “porto”, um espraçamento para a esquerda. Num caso, o Nó Vocálico espraçado é o da vogal tónica e no outro o da vogal pretónica. A análise dos dados dos Açores permitiu-nos

<sup>9</sup> Apesar de “velarização” ser o termo usado anteriormente, dizemos “labialização porque o que de facto acontece é a assimilação de uma articulação labial.

<sup>10</sup> A descrição da distribuição geográfica do fenómeno é referida em SEGURA da CRUZ e SARAMAGO, 1999, 715 e seguintes, seguindo a descrição mais pormenorizada para o território nacional e com referência a todo o espaço românico de MARTINS e VITORINO, 1989.

ainda verificar que as variedades dialectais podem implicar diferenças na especificação dos segmentos. Neste caso, viu-se que para as palatais pode ser necessário recorrer a diferentes especificações em diferentes dialectos, como RODRIGUES, 2001 já tinha observado em relação a /v/ em Braga.

Em conclusão, o presente artigo permitiu a descrição formal de quatro processos, três dos quais necessários para a variedade linguística do Porto: (1) espraçamento do Nó Vocálico da vogal final /o/ aplicável aos /o/s de certas palavras devidamente assinaladas no léxico, (2) espraçamento do Nó Vocálico das vogais acentuadas dessas palavras no Ataque precedente sob a forma de articulação secundária e, em obediência a PCO, (3), um processo de quebra da linha associativa que ligava a vogal tónica ao seu Nó Labial, pelo facto de se encontrar precedida de uma consoante com uma articulação secundária labial.

A interligação dos processos sugere, além de uma dependência do segundo processo relativamente ao primeiro, uma dependência do último dos processos referidos relativamente ao segundo: a vogal só perde a labialidade depois de o espraçamento na consoante ter ocorrido. Pode concluir-se, por isso, que tudo dá a entender que a variante [´p<sup>w</sup>ertu] é mais recente do que [´p<sup>w</sup>ortu]. De resto, o facto de esta variante não ter sido registada em Braga pode indicar também que a área geográfica onde se encontra seja mais reduzida. Se o for, isso pode dever-se ao facto de se tratar de uma inovação local, que não se expandiu a toda a área que apresenta o espraçamento da labialidade no Ataque. Uma vez que a expansão dos traços inovadores típicos de variedades linguísticas não standard é condicionada, em grande parte, pela avaliação que os falantes da língua fazem desses traços, e este processo não é valorizado pela maioria dos falantes de português, é de crer que a sua difusão esteja comprometida ou, pelo menos, não seja rápida.

No que diz respeito aos dados açoreanos foi possível formalizar o processo (4), idêntico ao de labialização presente nos dialectos setentrionais aqui estudados, embora seja desencadeado pela vogal pretónica e não pela vogal acentuada. Ficam por aprofundar as relações entre o processo (4) e os que posteriormente se aplicam em algumas das variedades linguísticas, nas o espraçamento continua a dar-se localmente, para a direita.

---

<sup>11</sup> Incluindo nos dialectos continentais em que se registam, Beira Baixa e Alto Alentejo.

A existência das articulações secundárias aqui descritas mostra que, em português, para além dos que representam /k<sup>w</sup>/ /g<sup>w</sup>/, existem foneticamente outros segmentos complexos. Tendo por base material do CPE-VAR e do ALEPG, foi possível discutir um conjunto de fenómenos que exemplificam algumas das possibilidades de espraçamento do Nó Vocálico em PE. Discutimos, ainda, a especificação das consoantes palatais dos dialectos insulares. Optámos por análises que descrevem diversos casos de articulação secundária, dispensando a concepção de ditongos crescentes em PE.

Terminamos assim a nossa viagem ao “Porto“, cujo roteiro nos trouxe do “porto” ao [p<sup>w</sup>ertu], passando pelo [p<sup>w</sup>ortu], com breves excursos insulares.

- ANDRADE, Ernesto d', 1992 - “Histórias de O” in *Temas de Fonologia*, Colibri, Lisboa. pp. 47-57.
- ANDRADE, Ernesto d' 1993 - “Algumas Particularidades do Português Falado no Funchal”, in *Actas do 9º Encontro da APL- Coimbra*, Lisboa, APL, pp.17-30.
- ANDRADE, Ernesto d' e M. Céu VIANA 1993 - “Sinérese, Diérese e Estrutura Silábica”, in *Actas do 9º Encontro da APL- Coimbra*, Lisboa, APL, pp. 31-42.
- ARCHANGELI, Diana 1988 - “Aspects of Underspecification Theory”, *Phonology* 5, p. 183-208.
- BOLÉO, M. de Paiva, e M. Helena Santos e SILVA, 1959 - “O Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental”, in *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, Vol. I: *Dialectologia e História da Língua*, Coimbra Acta Universitatis Conimbricensis, 1974, T. I, pp. 309-352.
- CINTRA, L. F. Lindley, 1983 - *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa Editora, Lisboa.
- CLEMENTS, G. e E. HUME 1995 - “The Internal Organization of Speech Sounds”, in GOLDSMITH, J. A. (ed.) 1995: *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford, Blackwell.
- FREITAS, M. J. 1997 - *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*, Tese de doutoramento, FL-UL, Lisboa.
- FREITAS, M. J. 2000 - “Os Os ping[w]ins são diferentes dos c[w]elhos? Questões sobre oclusivas velares, semivogais e arredondamentos na aquisição do português europeu”, in *Actas do 16º Encontro da APL- Coimbra*, Lisboa, pp. 213-225.
- FREITAS, M. J. 2001 - “Os pontos nos seus lugares: considerações sobre as laterais na aquisição do Português Europeu” (em publicação).
- GOLDSMITH, J. 1976a(1979) - *Autosegmental Phonology*. PhD. Dissertation MIT, Distributed by IULC, New York, Garland Press.
- GOLDSMITH, J. A. (ed.) 1995 - *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford, Blackwell.
- HERNANDORENA, C. 1999 - “Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais” in *Aquisição da Linguagem Questões e Análises* (org.: R. R. LAMPRECHT: 1999) Porto Alegre, Edipucrs, pp. 81-94.
- MARTINS, Ana-Maria e Gabriela VITORINO, 1989 - “Palatalisation et Vélarisation Conditionnées de la Voyelle Tonique dans Certains Dialectes Portugais. Evolutions Identiques dans l’Espace Roman”, in *Espaces Romains: Etudes de Dialectologie et de Géolinguistique Offertes à Gaston Touaillon*, Vol. II, ELLUG, Univ. de Stendhal – Grenoble 3, pp. 330-356.
- MATEUS, M. Helena M. e Ernesto d’ANDRADE, 2000 - *The Phonology of Portuguese*, Oxford University Press, Oxford.
- MATEUS, M. Helena Mira, 1993 - “Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphtongs”, in *Workshop on Phonology*, Coimbra, APL, pp. 93-104.
- MATEUS, M. Helena Mira, 1994 - “A Silabificação de Base em Português”, in *Actas do 10º Encontro da APL - Évora*, Lisboa, APL, pp. 289-300.

- PEREIRA, Isabel 1999: *O Acento de Palavra em Português Uma Análise Métrica*, Tese de Doutoramento, FL-UC, Coimbra.
- RODRIGUES, M. Celeste, 2001 - *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, Tese de Doutoramento, FL-UL, Lisboa.
- RODRIGUES, M. Celeste 2002 - “Questões de Espreadimento em PE”, in *Actas do 17º Encontro Nacional da APL*, Lisboa (em preparação).
- SEGURA da CRUZ, M. Luísa e João SARAMAGO, 1999 - “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”, in *Lindley Cintra Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, (org. Isabel Hub Faria), Edições Cosmos, FL-UL, Lisboa, pp. 707-738.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1901 - *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, (3ª ed. por M. Adelaide Valle Cintra), INIC, CLUL, Lisboa, 1987.
- VIGÁRIO, Marina e Isabel FALÉ, 1993 - “A Sílabas do Português Fundamental: Uma Descrição e Algumas Considerações de Ordem Teórica”, in *Actas do 9º Encontro da APL- Coimbra*, Lisboa, pp. 465-478.